

# OS CONTADORES POPULARES E A ARTE DE NARRAR: IDENTIDADE, SUBJETIVIDADES E MEMÓRIAS IMBRICADAS

THE POPULAR STORYTELLERS AND THE ART OF NARRATING: IDENTITY,  
SUBJECTIVES AND IMBRANTED MEMORIES

Nádia Barros ARAÚJO<sup>18</sup>

Ana Lúcia Gomes DA SILVA<sup>19</sup>

Josiane da Cruz Lima RIBEIRO<sup>20</sup>

**RESUMO:** O artigo em tela é resultado de pesquisa cujo objeto de estudo foram os contadores de história da cidade de Tapiramutá (BA), e teve como objetivo central apresentar o imbricamento entre o fundamento da memorização, o jogo entre memória, narrativa e identidade, que forjam aspectos subjetivos da identidade pessoal dos contadores. Além disso delineamos aspectos relacionados à identidade cultural que lhes atravessam enquanto elo de similitudes cartografadas pelas narrativas orais. A pesquisa de campo teve como escolha metodológica a cartografia dos 17 contadores/as de história, filtramos a produção da subjetividade num desafio de construir conhecimento entre pesquisadores e pesquisados, cujos territórios e semióticas singulares se fizeram eclodir nos dados de campo. As questões relativas ao protagonismo e performance dos participantes e o traçado de um plano comum, garantindo o caráter participativo da pesquisa, se fizeram concretos no contexto do método da cartografia, apontando que os narradores populares são detentores de uma técnica altamente sofisticada, aprendida oralmente no seio da própria família ou em corporações de cantadores. Como resultados foram pinçados ainda, aspectos das identidades dos contadores, suas performances e sentidos dela advindos, traçando ainda elementos das singularidades dos contadores. Os resultados apontam também que a pesquisa engajada e implicada resulta numa ação de intervenção que busca alterar a realidade pesquisada e com ela contribuir de modo significativo como horizonte de expectativa.

---

<sup>18</sup> Mestra em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Membro do Grupo de Pesquisa Diversidade, formação, educação básica e discursos (DIFEBA) UNEB, Membro do Grupo de Pesquisa Cultura Visual, Educação e Linguagens (CULTI-VI) UNEB.

<sup>19</sup> Profª Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED)/Uneb/Jacobina. Líder do Grupo de Pesquisa Diversidade, formação, Educação Básica e discursos – DIFEBA.

<sup>20</sup> Mestra em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Membro do Grupo de Pesquisa Diversidade, formação, educação básica e discursos (DIFEBA) UNEB, Membro do Grupo de Pesquisa Cultura Visual, Educação e Linguagens (CULTI-VI) UNEB.

**PALAVRAS CHAVE:** Contadores populares; Narrativas; Subjetividade; Identidade; Memória.

**ABSTRACT:** This work is a result of a research whose object was to study the history of the city of Tapiramutá (BA), and had as its central objective to present the interrelation between the foundation of memorization, the interplay between memory, narrative and identity, which forge subjective aspects of the personal identity of teller. In addition, we delineated aspects related to cultural identity that cross them as a link of similarities mapped by oral narratives. Field research had the cartography of seventeen storytellers as a methodological choice, to filter the production of subjectivity in a challenge to build knowledge among researchers and researched individuals whose territories and unique semiotics were made to hatch in the field data. The issues related to the protagonism and performance of the participants and the drawing of a common plan, guaranteeing the participative character of the research, have become concrete in the context of the cartography method, pointing out that the popular narrators are holders of a highly sophisticated technique, learned orally. As results were also pinned aspects of the identities of the tellers, their performances and senses of it coming, still tracing elements of the singularities of tellers. The results also indicated that the engaged and implicated research results in an intervention action that seeks to alter the researched reality and with it to contribute significantly as a horizon of expectation.

**KEY WORDS:** Popular counters; Narratives; Subjectivity; Identity; Memory.

## INTRODUÇÃO

*Contar história de forma verbalizada é estar em contato com a experiência do real alimentado das próprias versões e variantes.*  
(Michele Simonsen, 1987)

A arte milenar de narrar, de contar histórias, presente desde a época dos homens das cavernas até os dias atuais, deleitou gerações e gerações ao longo da história. Nos mais diversos lugares do mundo, as narrativas estiveram presentes, quer seja nas tribos primitivas com as histórias sobre os rituais e lendas, quer seja no cenário religioso nas histórias bíblicas do evangelho, da criação do mundo, nas parábolas de Jesus Cristo, ou nos contos de fadas de princesas, madrastas, castelos e príncipes. E como diz sabiamente Simonsen na epígrafe que abre este texto, o contato com a história através de sua verbalização alimenta versões e sonhos, mitos e utopias desde sempre e, portanto, reinventa e inaugura outros sentidos, desloca emoções e nos faz perceber as inúmeras textualidades e intencionalidades que as marcam ao longo das gerações humanas. Diferentes situações da vida, morte, perda, dores, alegrias, relacionamentos entre as pessoas, entre indivíduo e sociedade, sociedade e

natureza, são apresentados e tecidos nas narrativas historicamente e transcende ao tempo, por serem atemporais e próprios e apropriados da condição humana dos sujeitos sócio históricos concretos.

Independentemente de onde, quando e como, apesar das peculiaridades que existem, o que claramente podemos afirmar é que a arte de contar histórias sempre esteve presente nas mais diversas civilizações, exercendo diferentes funções. Nesse contexto, a figura do contador tradicional se torna ponto referencial. Estamos falando de verdadeiros encantadores das palavras, que, por meio da hibridação de lembranças (vívidas ou não), ficções e compreensões sobre o mundo, constroem campos cognitivos, antropológicos e sociológicos presentes nos entendimentos de sujeitos e grupos coletivos.

Os contadores de histórias, também intitulados de narradores populares, através da memória, da oralidade, dos gestos, da fisionomia narram contos, fábulas, vivências, anedotas, lições de vida, piadas e até mesmo suas biografias, se constituindo, por sua própria experiência e interação simbólica, como aqueles que aprenderam a contar histórias e a constituir “outras realidades” com e sobre seus pais, comunidades e/ou familiares. Como afirma José Carlos Leal: “Os narradores populares, em qualquer época e em qualquer povo, são detentores de uma técnica altamente sofisticada, aprendida oralmente no seio da própria família ou em corporações de cantadores” (1985, p. 15).

Esses narradores, agrupados ou não em corporações, mais do que detentores de uma memória que se reconstrói por caminhos tortuosos, são a base para que, aqui, defendamos outra compreensão cultural, comunicativa e, porque não dizer, educativa. As narrativas populares, entalhadas pelas experiências desses sujeitos, nos colocam em outro caminho compreensivo: um caminho hermenêutico em que o objetivismo moderno mais radical perde força para consideramos a cultura como base para a expressão e interação humanas. Seguindo essa linha de pensamento, o presente artigo se constitui como um esforço epistêmico e metodológico por trazer à lume através de pesquisa engajada e implicada, realizada no curso de mestrado

realizada nos anos de 2015 e 2016, as narrativas orais e os contadores de histórias da cidade de Tapiramutá–Bahia, as narrativas e os contadores num interlace entre identidade, subjetividades e memórias.

A investigação tomou como ponto de partida as escutas dos contadores populares da cidade de Tapiramutá, uma pequena cidade do interior da Bahia. Conforme o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade possui 16.528 habitantes. O município está situado no centro-norte baiano e tem como principais atividades econômicas a pecuária e a agricultura. Vale ressaltar, que quando nos referimos a “escutas”, reportamo-nos as ideias propostas por René Barbier, (1998) enriquecidos com os princípios de dialogicidade em Freire, (2003) que demandam de nós pesquisadores a percepção poético-existencial e a espiritual-filosófica, ou seja, o pesquisador sente o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro, para compreender as atitudes, os comportamentos, os sistemas de ideias, de valores, de símbolos e de mitos.

O nosso primeiro contato com os narradores populares se deu através da realização de entrevistas semiestruturadas com os agentes comunitários de saúde(ACS) de Tapiramutá, nas quais conseguimos identificar e tecer os primeiros contatos com as comunidades e, claro, com as contadoras e contadores de histórias de Tapiramutá.

Em seguida, através de uma série de entrevistas narrativas, foi possível perceber, num primeiro momento, a força simbólica das histórias contadas de forma espontânea, sem interrupções. O exercício de ouvir, nos fez perceber que, mais do que uma postura passiva diante do falado, compartilhávamos as vozes/polifonia daquelas pessoas. Como afirmou Bruner (1991, p.29) estávamos participando ali da manifestação de uma cultura e, por isso, dependíamos dos “significados e conceitos compartilhados”, que são as bases para o discurso também compartilhado que, na ocasião, buscávamos interpretar. Essas vozes e discursos eram reais. Porém, mesmo em sua realidade, tais dizeres estiveram por muito tempo emudecidos, esquecidos por conta das aspirações modernas do conhecimento científico formal, tão caro aos

meios acadêmicos e, até mesmo, pelas atividades culturais e sociais eleitas como mais bonitas e tidas como mais relevantes no Município. Pudemos perceber que os narradores falavam de um *entre lugar*, como identificado de Homi Bhabha (2013) como o lugar de fronteira, onde os contadores mostram as suas diferenças culturais subjetivamente.

Foi possível perceber ainda que o discurso de poder hegemônico, de tradição e cientificista, que prima pela objetividade e a categorização, desprezando fortemente o chamado “senso comum”, o “saber popular”, ou os conhecimentos do cotidiano (que dialogam com as subjetividades), esteve presente na maior parte das entrevistas. Pudemos notar que este pensamento foi internalizado pelos próprios contadores e contadoras de histórias. Em alguns casos, por conta dessa realidade opressiva, tivemos dificuldades para conseguir estabelecer a parceria tão necessária ao estabelecimento da entrevista narrativa, chegando ao ponto de dois contadores se negarem a participar da pesquisa por acharem-se desprovidos das habilidades necessárias para tal intento; “desprovidos de conhecimento” ou “inaudíveis”, como podemos perceber no trecho:

Mais minha fia ... o que um pobre coitado como eu ... que mal foi pra iscola, num sabi nem fazer o propinomi direto tem pra dizer a sinhora? ... moça distinta, istudada ... Eu sô um tabaréu da roça ... um anarfabeto ... num sei de nadinha... Num tenho sabença pra ti falá nada não minha santa...” (Senhor E. P, 68 anos)

Percebemos, logo no início da nossa imersão, que a proposta de um trabalho educativo que considerasse as narrativas populares antevia desafios que ultrapassavam o âmbito da pesquisa. Percebemos que estávamos lidando com uma estrutura discursiva que se remetia a uma estrutura de poder. Dessa forma, não conseguiríamos repensar uma formação; tão pouco formaríamos uma ação educativa mais aberta e participativa se não abrissemos caminhos para a participação das muitas vozes e discursos. Precisávamos, estava claro, de caminhos educacionais plurais, que, reagindo à homogeneização da comunicação de

massas (de tradição vertical e colonizadora), ultrapassassem o modelo de um único conhecimento aceito – um modelo de educação e escola rígido, enquadrado e preso aos ideais de currículo e modernidade tecnicista dos séculos XIX e XX. Eis que essa negativa nos colocava diante de um conhecimento popular não reconhecido e, por muitas vezes rechaçado. Nesse contexto, se faz ainda mais premente a construção de estratégias educativas e comunicativas realizadas em colaboração e conflito no contexto escolar. As narrativas populares e a presença marcante dos contadores tradicionais clamam por um redimensionamento: uma transformação das práticas educativas tradicionais e dos caminhos que contribuam para embasar o processo de formação dos indivíduos em subjetivação, pois requeria outras formas de dialogar com os sujeitos e seus saberes.

Exatamente por esta razão supracitada, resgatar a força do discurso das narrativas populares para uma estratégia formativa e assim readmitir alguns aspectos esquecidos da complexidade do real. Tal fato, coloca nosso esforço de pesquisa e intervenção no terreno dos sistemas e disputas simbólicas, onde o processo de colonização de povos e mentes, como já nos ensinou Frantz Fanon (2008), reside e muito no mundo que a linguagem e os discursos representam. Diante deste primeiro contato, com a força provocadora que tal recusa despertava, precisávamos aperfeiçoar as nossas estratégias de interação. A pesquisa de campo nos deu elementos para percepção de que estávamos nos aperfeiçoando, aprimorando nossas técnicas, e adaptando nossa forma de olhar, conforme o fluxo fugidio das manifestações culturais e as circunstâncias nas quais se coloca a pessoa a ser entrevistada.

Diante desta conjunção, ficou-nos ainda mais clara a afirmação de Alistair Thompson: “Não existe uma única “maneira certa” de entrevistar, e maneira que o “bom senso” indica como “certa” para entrevistas com membros da elite branca do sexo masculino pode ser completamente inadequada em outros contextos culturais” (THOMPSON, 2000, p.48).

Assim, após a resistência dos primeiros contatos, buscamos estabelecer uma outra espécie de vínculo com os narradores. Com a parceria de outros membros da comunidade, conseguimos estabelecer uma certa intimidade. Para tanto, minimizamos a presença dos gravadores e câmeras (denunciadores ferozes da nossa postura acadêmica) e conversamos de forma livre. Com a escuta atenta e com a prudência para dominar o impulso por interromper ou questionar as narrativas, eclodiram, aos poucos, os gestos, expressões faciais, os silêncios e pausas, que compuseram com uma intensidade marcante o diálogo que nos despertou para aquelas narrativas.

Deste modo, ao longo dos meses de maio a dezembro de 2015 cartografamos a ação de 17 (dezesete) contadoras e contadores de histórias na cidade de Tapiramutá, moradores tanto da zona urbana, quanto na zona rural e povoados, com idades entre 45 a 99 anos de idade. Trata-se de pessoas experientes: 16 (dezesesseis) dos contadores têm idade superior aos 60 anos. Ou seja, 94,11% dos contadores de história de Tapiramutá são idosos, o que revela uma ampla riqueza em experiências, conhecimentos, memórias. Como afirma Ecléa Bosi:

[...] a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. (BOSI, 2012, p.60)

A realidade desses contadores, a vitalidade da sua prosa, a capacidade educativa das suas memórias nos faz perceber que o conhecimento não está composto apenas de uma ciência erudita e segmentada. Mais que isso, tais narrativas nos mostram como a cultura em suas muitas expressões nos possibilita ver adiante; possibilita-nos compreender que conhecer é, acima de qualquer coisa, um processo humano, histórico e dialético. Por isso, o conhecimento, impresso nas narrativas populares, nos mostra que não há uma única forma de compreender e interpretar a realidade. Ao contrário, percebemos agora com clareza ímpar que “nenhum

conhecimento é neutro, absoluto ou estático” (ROLO e RAMOS, 2012, p.153). A presença das narrativas orais comprova que podemos, inclusive, superar o conhecimento triunfante das luzes e ilustrações modernas com o simples movimento histórico e contraditório do real.

## **1. CARTOGRAFIA DOS CONTADORES DE HISTÓRIA DE TAPIRAMUTÁ**

Para alcançarmos os meandros dessa “microsociologia” das narrativas orais é preciso compreender que, diferente das pesquisas sociais tradicionais, nosso objeto de análise não está vinculado à rigidez das instituições, às estratificações sociais ou mesmo aos valores sistêmicos mais gerais da nossa vida em sociedade. Para tal, ao conceituarmos cartografia, torna-se necessário concebê-la, neste estudo, como procedimento que se constitui como fonte de informação, oferecendo subsídios para analisar, pensar e refletir sobre os processos de escuta e levantamento das narrativas, visto que a principal função da cartografia em questão, é a representação da realidade através de informações organizadas, de forma a evidenciar os dados que emergiram do campo. O método da cartografia requer a habitação de um território [...] a cartografia aposta no acesso ao plano que reúne lado a lado a diversidade de vetores heterogêneos implicados na pesquisa: o pesquisador e seu campo de interlocuções acadêmicas e instrumentos técnicos, agências de fomento, compromissos políticos, alianças institucionais, bem como o objeto e suas diversas articulações. (ALVAREZ; PASSOS, 2009; POZZANA; KASTRUP, 2009).

Foi a partir dessa concepção da cartografia que nos constituímos como pesquisadoras no campo empírico, dando centralidade às interlocuções habitadas no território dos colaboradores da pesquisa. Buscamos falar de outro lugar social, onde as interações intersubjetivas ganham a força que as narrativas populares trazem, assim, foi preciso delimitar algumas prioridades e, como definiu Mauro Wolf (1982 p. 13-14), atentar-nos para a “produção da sociedade”. Esta produção que delimita

nosso objeto nada mais é que o resultado das ações conscientes dos seres humanos. Trata-se de uma produção em que se leva a sério a ação não só dos grandes agrupamentos ou associações coletivas, mas de todos os membros da sociedade. Em outras palavras, encaramos esses membros como atores competentes dentro das práticas e mudanças sociais. São atores que, usando suas histórias e experiências, interferem no mundo a partir de suas práticas cotidianas, de suas invenções golpistas; de suas “artes de fazer” (CERTEAU, 2002).

Assim, se faz necessário conhecer as histórias dos nossos narradores. Por isso, apresentaremos concisamente os 17 contadores/as (03 são mulheres e 14 são homens) que são os atores da intervenção social por nós observada. São eles:

- Sônia Ferreira Rocha, 45 anos, professora de classes rurais, atualmente encontra-se afastada por problemas de saúde, moradora da sede do município;
- Adalgiza de Almeida Silva, mais conhecida como dona Zizi, 83 anos, moradora do Povoado de Poço Bonito, dona de casa aposentada;
- Maria Rosa da Silva, Dona Santinha, 91 anos, moradora da sede do município, trabalhadora rural;
- Aguiñanes Bispo dos Santos, 90 anos, aposentado, exerceu várias profissões, no serviço público do município, inclusive foi um dos primeiros vereadores da cidade de Tapiramutá;
- Antônio Gomes Barbosa, conhecido como Tonico, 66 anos, trabalhador rural, morador do povoado de Volta Grande;
- Claudionor Joaquim de Santana, 78 anos, morador da zona urbana, policial aposentado;
- Cristovam Miranda Dias, 87 anos, lavrador aposentado, morador do povoado de Passagem de Pedra;

- Geraldo Alves Martins, 62 anos, açougueiro e agricultor, morador da zona urbana;
- João Nunes, 69 anos, morador do povoado de Capim Branco, trabalhador rural aposentado e ainda exerce a função de comerciante na feira livre de Tapiramutá;
- Jorge Alvim de Souza, 75 anos, vaqueiro aposentado, morador da zona urbana;
- José Cambito dos Santos, 83 anos, ex-jogador de futebol, morador do povoado de Poço Bonito;
- Manoel Souza Silva, conhecido por Pombo, 70 anos, morador do povoado de Volta Grande, trabalhador rural aposentado;
- Martinho dos Santos Sousa, conhecido como Martim Ramos, 80 anos, trabalhador rural aposentado, morador do povoado de Volta Grande;
- Nivaldo Lima de Araújo, 75 anos, morador da zona urbana, trabalhador rural e açougueiro, atualmente aposentado;
- Osmar Mamédio, 72 anos, trabalhador rural aposentado, morador do povoado da Volta Grande;
- Odonel Fonseca, 94 anos, aposentado, foi primeiro dentista-prático da cidade de Tapiramutá, morador da zona urbana.

No decorrer da pesquisa aos poucos nos foram revelados traços marcantes da identidade dos contadores e contadoras. Um destes momentos chave foi durante a primeira entrevista narrativa, quando utilizamos a seguinte questão: “*Conte-nos um pouco sobre a sua a senhora/o senhor, sobre sua vida, quem é a senhora/o senhor...?*”, o objetivo desta pergunta residia na busca por compreendermos como a contadora/o contador se viam, se reconheciam, como suas identidades foram construídas, quais as marcas deixadas ao longo do seu percurso de vida, uma vez que estes elementos poderiam estar relacionados com as narrativas por eles contadas numa tessitura imbricada de diálogos.

Conforme Matos (2013):

Recorrendo à própria memória e analisando-se um pouco, o contador poderá perceber o quanto existe de semelhança entre as experiências que ele vem adquirindo ao longo de sua vida e a trajetória dos personagens [...] Através desse processo de identificação e de empatia com os personagens, o conto a ser narrado deixa de ser apenas interessante, engraçado, ou o que quer que seja, para transforma-se também num meio de compartilhar com sabedoria, charme, humor e sutileza as próprias experiências de vida. (MATOS, 2013, p.10)

Deste modo, ao se depararem com tal questão, alguns ficaram em silêncio, meio que surpreendidos pela complexidade da pergunta, pois conforme o pensamento de Morin (1999) sobre a complexidade do ‘eu’ há de três aspectos que são efetivamente inseparáveis para definir o ser humano: 1-o egocentrismo - O indivíduo é a autoafirmação do “eu”, da subjetividade; 2- o altruísmo - a necessidade do outro, de sorrir, de ser embalado, ou seja, a necessidade de estar em um “nós”, “nós” que é comunidade de amor e 3- A cultura - somos possuídos pela sociedade, porque recebemos a linguagem, recebemos a cultura, que se colocam no interior de nós mesmos, o que quer dizer que, não somente os indivíduos estão na sociedade, mas a sociedade está no interior deles. Não somente os indivíduos estão no espaço, mas o espaço está no interior deles. Desta forma, para muitos a pergunta era um conflito interior, os olhares perdidos no vazio sem ter essa resposta nem para si mesmo, nos eram evidentes, pois como poeticamente Clarice Lispector nos declara: “É que ‘quem sou eu?’ provoca necessidade. É como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto”. Neste mergulho em busca de si, para dar uma resposta não apenas a nós provocadores, mas para si mesmos após logos minutos de reflexão iam falando e fazendo considerações sobre o que os representavam. Como nos trechos a seguir:

[...]“É ... eu sou uma pessoa ... nasci lá no Capim Branco [...] (Senhor João Nunes, 69 anos)

[...] Eita Dona! A senhora mi pegô ai agora! (gestos do contador coçando a cabeça)... é ... eu acho que eu sou um homi bom, honesto, já trabaiei

muito nessa vida... Eu sou Osma, aqui na Volta Grande todo mundo me conheci!” (Senhor Osmar – 68 anos)

Outros contadores mostravam-se sem entender o porquê da pergunta, achando que era uma coisa sem fundamento, assim iam logo respondendo citando seus nomes, como é o caso de Dona Santinha:

[...] Ôxe, eu sou Santinha, mas que pergunta! (Dona Santinha, 91 anos)

No entanto, a grande maioria respondia fazendo referência ao seu nome completo, o lugar de nascimento, a filiação e algumas vezes a data de nascimento:

“Eu sô Manuel Souza Silva, nasci em 1945 em um povoado da Piritiba, ... sô fiú de Virginia Souza de Jesus e Seu Jusé Venanço da Silva[ ...] Sô fiú únitico, apois minha mãe teve cinco mais apenas eu se crio. (Senhor Pombo, 70 anos)

Sô Nivaldo Lima, do veio Valdemar e Emilia Lima” (Senhor Nivaldo Lima de Araújo, 75 anos)

Me chamo Claudionor Joaquim de Santana, nasci de família humilde ... nasci no ano de 1937, no semiárido da Bahia, na cidade de Senhor do Bonfim (Senhor Claudionor Joaquim, 78 anos)

Me chamo Geraldo Alves Martins[...] Eu nasci em Duas Barras. Entre Duas Barras e Lagoa Bonita, mas onde eu nasci mesmo foi numa fazenda no município de Utinga. Sou filho de Luiz Gringo e Sivandira Martins, tenho um “bucado” de irmão. A minha irmandade toda é 15 irmãos[...]Uns moram aqui na região ... outros já morreu, outros mora em São Paulo. Porque praticamente meu pai teve filho com 3 mulheres. Da parte da minha mãe mesmo, são 12... Mais aí com outra mulher ele teve mais 2 e com outra mais 1... E todo mundo é 15 pessoas na família. (Senhor Geraldo Martins, 62 anos)

Sendo assim, o que observamos é que para a maioria a identidade se associa com os dados pessoais, nome, filiação, local de origem, ano de nascimento. Neste sentido Ciampa (1984) afirma que:

O nome não é a identidade: enquanto substantivo não revela a identidade, mas apenas parte dela. O substantivo é algo que nomeia o ser, e para isso é necessário uma atividade: o nomear. Logo, a identidade não é substantivo, é verbo: identidade é atividade. (CIAMPA, 1984, p.45)

Percebemos também nos trechos supracitados, que o lugar de origem é um aspecto muito ressaltado pelos/as contadores/as, o que nos sugere o sentimento de pertencimento social, um símbolo representativo de suas identidades, nestes discursos o lugar pode ser compreendido como uma construção social, fundamentado na intersubjetividade<sup>21</sup> que propicia as relações cotidianas dos sujeitos de uma mesma comunidade, O lugar seria o mundo vivido, “o elo entre os procedimentos geográficos e fenomenológicos, pois cada pessoa está rodeada por ‘camadas’ concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação” (BUTTNER, 1982, p. 178). Fica explícito também em algumas das respostas, a presença de traços identitários relacionados à classe social e econômica, fatos que demonstra a importância que os/as contadores/as dão ao revelarem a humildade de suas origens, de mostrarem suas vidas como uma construção de lutas, sendo o cenário rural o palco destas batalhas, estando suas identidades centradas na figura do trabalhador rural. Como podemos perceber nos trechos a seguir:

Minha vida era difíci, já sofri tanto ...((ênfase do contador)) trabaivava pros otros ... deixava os menino piqueno em casa e depois que chegava dos macaco ((refere-se ao trabalho que era cada dia em um lugar)) dos outro eu e Cidé ((a esposa)) ia busca água naquela grota do veio Vardemar ((seu pai)) ... carregava vocês (aponta para os filhos que

<sup>21</sup>Para maior aprofundamento Cf Buttner ao afirmar que a intersubjetividade sugere a situação herdada que circunda a vida diária. Pode também ser compreendida como um processo em movimento, pelo qual os indivíduos continuam a criar seus mundos sociais (BUTTNER, 1982, p. 182).

estavam presentes) de jegue nus caçar... os três mais veio, um do lado, um do outo e um no meio... mas travessemos. (Senhor Nivaldo Lima de Araújo, 75 anos)

A minha família é de família humilde porém honestas e trabalhadoras. (Senhor Claudionor Joaquim, 78 anos)

...meus pais era bem pobrezinho e aí ele pá ajeitar a vida... ganhá a vida eles trabaia na roça... colhia mamona né... e aí passa com aquela mamona... num tempo de inverno ai eles pegava fazia aqueles balaio de cipó né... aí eles fazia um fogo pegava no meio da casa e botava aquele balaio lá e aí aquele balaio ia aquecendo o fogo, ali debaixo do balaio ia aquecendo e as mamonas ia estalano né ... e eles como muito pobrezinho ajuntava aquela mamona levava pá feira. Naquele tempo... aqui a feira livre era boa né... Aí vendia aquela mamona, aí comprava o sal, comprava o açúcar, uma besteirinha. Aí levava pra casa di novo, mais era muito duro nu tempo passado...aí hoje já melhorou. (Senhor João Nunes, 69 anos)

Nestes trechos percebemos que as identidades estão voltadas para os atos de resistência por superar as adversidades da vida difícil, de mostrar que apesar de todas as amarguras da existência foi possível resistir e vencer, as narrativas revelam o orgulho de ter conseguido através do trabalho conquistar melhores condições de vida não apenas para si, mas principalmente para as famílias. Estas identidades segundo Castells (1999) são:

Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos. (CASTELLS, 1999, p.17)

Nos fragmentos a seguir observamos claramente este sentimento de resistência, de luta pela produção da existência em que cotidianamente os sujeitos são forjados e se (re)inventam para (re)existirem e darem sentido ao que vivenciam e experienciam.

Eu saia pra roça com uma inxada ou um machado nas costa, pra trabaia nas roça dos outro, vendeno o dia pra poder ganhar aquele dia se não, não fazia a feira... Saia pra roça com uma combuquinha de farinha (faz o gesto com as palmas da mão, indicando a pequena quantidade que levava), amarrada na cintura... Sofri um bocado, mas venci! (Senhor Nivaldo Lima de Araújo, 75 anos)

[... ] eu e minha veia nus aposentamo e aí parei de trabaiaiprá os otu ... consegui compra um pedacim de terra pra mim e minha véia ... todos os fios casaro ... e assim eu vô levano a vida ... vivo um dia apois o otu ... mim sintu um homi realizado, graças a Deus! (Senhor Pombo, 70 anos)

Ao longo das entrevistas, também ficam evidenciados elementos constitutivos da identidade cultural<sup>22</sup>, voltada para os festejos e tradições religiosas, que eram os momentos de lazer mais comuns, os reisados, os carurus, as rezas, a reverência a Cosme e Damião, ao Bom Jesus da Lapa, os quais são marcantes nas entrevistas. Em alguns relatos percebemos a sublimação ao tempo através da comparação entre o comportamento dos jovens de ontem e os de hoje, evidenciando ainda o saudosismo a estes festejos e eventos:

Já brinquei muito samba, sambei muito, perdia muitas e muita noite de sono... Reis de Cosme, da lapinha de porta, tudo eu sei cantá[...]. Nós saia cantando no dia 1º de janeiro ao dia 6 que era o dia de Reis, da festa de Santa Reis. Num tinha outra diversão, mas o povo gostava do nosso samba, o povo gostava de nosso samba, num deixava noisqueto não[...]. Nósnum ganhava nada, só bibia cachaça.

Era muito reza de Cosme e Damião, era direto... Nois saia daqui e ia pro samba na bonita de a pé, era um tempo muito advertido. Hoje é que ninguém vê mais isso, é tudo na molequeira, na malandragem, na droga. Naquele tempo não, quando um bebesse que o outro via que tavapassano dos limite, nós reclamava e o outro atendia, nós era assim!

Eu gosto de samba e se achasse até hoje um samba bom eu ia. Os sambas de hoje não que parece uma ladainha, nosso samba era arrochado. (Nivaldo Lima de Araújo, 75 anos)

<sup>22</sup>Entendemos a identidade cultural conforme as concepções de Hall (2004), enquanto fonte de significados culturais, foco de identificação e sistema de representação simbólica, construídos e situados historicamente nas relações sociais.

Neste sentido, o depoimento supracitado nos aponta para o que a teoria social tem se debruçado a compreender: como as mudanças culturais que estão ocorrendo nos mundo pós-moderno podem afetar a identidade do sujeito, considerando as enormes mudanças decorrentes da fugacidade e do dinamismo das transições da globalização? Nesta perspectiva, Hall (2003) nos afirma que a identidade do sujeito pós-moderno se encontra descentrada, fragmentada:

Característico do período do final do século XX, tal descentramento se opõe às culturas do passado que, a seu modo, forneciam aos indivíduos fortes localizações sociais. Estando em crise, a identidade se torna uma questão e, por isso, passa a ser tratada como algo passível de assimilação e compreensão pelo próprio indivíduo pós-moderno que quer ver, no seu descentramento, uma característica de sua própria localização social. (HALL, 2003, p.09)

## 2. COMO SE TORNARAM CONTADORES DE HISTÓRIAS?

Convergindo com este diálogo e diante deste cenário cultural de rupturas e mudanças, outro ponto investigado foi o processo destes sujeitos tornarem-se contadores/as de histórias. Deste modo, percebemos que há uma grande diversidade nas respostas dadas, sendo que as influências de familiares aparecem em maior recorrência, é o elemento mais comum entre todos, pois muitos contadores afirmam ter herdado o dom de narrar em seu meio familiar. O segundo fato motivador que nos foi apontado foi o de gostar de contar histórias para divertir seus ouvintes, aparecendo ainda outros motivos tais como: o exercício profissional, passar o tempo, a necessidade de comunicar ensinamento para os mais jovens, pela tradição de estar sempre em festejos juninos e bailes, ou em pescarias e caçadas, situações que demandavam que se contassem histórias.

Neste sentido há forte diálogo com o que afirma Celso Sisto (2012) ao nos apontar as marcas da infância, da literatura e da ludicidade com as palavras, ao dizer:

Todo contador de histórias foi marcado, de alguma forma, pela literatura. Provavelmente porque leram ou contaram histórias para ele na infância. Ou porque aprendeu a brincar com as palavras e aprendeu a ‘descascá-las’, e vislumbrou a possibilidade de construir um outro mundo por meio da ficção. (SISTO, 2012, p.39)

Vejamos algumas das considerações dos/as narradores/as sobre o como se tornaram contadores/as de histórias:

Aprendemos quando chegava o tempo do São João... a gente se reunia na turma de amigo pra comemorar as festas genuínas... A gente gostava de fazer baile, de dançar quadrilha... aí lá na Lagoa Bonita a gente fazia uma “latada” no meio da rua, uma “latadona” de palha. Gostava de tocar sanfona e aí eu era o sanfoneiro da quadrilha. A gente fazia logo 30 dias de forró nessa quadrilha, era 30 dias ensaiando todo dia, quando terminava umas 21 horas nós tocava forró até 00 horas todo dia... E aí com aquilo, a gente foi criando aquela tradição, se reunia a turma de amigo pra ir lá pra casa aí meu pai gostava de matar tempo, ... nesses tempos de festas genuínas, gostava de fazer uns pagode lá... matava porco, piru[... ]Aí teve um dia que a “companhada” foi pra lá fazer farra e se divertir, daí a gente foi aprendendo a contar história. Gostava de caçar e pescar, aí a gente foi aprendendo as histórias de pescador. (Senhor Geraldo Martins, 62 anos)

Eu aprendi a contar “estória” com o correr da vida, eu andei muito pelo mundo, fui policial “sargento da polícia”, e no meu tempo era diferente trabalhávamos três, dois anos na cidade aí mudava pra outra, com outros colegas... Cada um contava uma história uma anedota diferente. Tinha algumas anedotas importantes e tinha umas de valor baixíssimo, que não se pode lhes contar, pois eram “estórias” eróticas coisas ruins e feias, que existiam naquele tempo, “estória” de assombração e de diversão também. (Senhor Claudionor Joaquim, 78 anos)

As histórias eu aprendi com veio Norato, meu avó, pai de Landu, ele que contava a nós... Quem tinha juízo bom aprendia tudo, agora outros quem quebrava o pau no ouvido e não ligava daí não aprendia nada... era toda noite, acendia aquele fogão no chão daí sentava aquele roda de gente! ... Era muito frio, botava aquelas esteira e todo mundo sentava ao redor do fogo e todo mundo parava pra ouvir, picava a zorra a contar história, era tanta história que ele contava, era dos anjos e tanta gente[... ](Senhor Nivaldo Lima de Araújo, 75 anos)

Nestes trechos percebemos como as influências afetivas de ter tido contado com as vozes, os enredos e a performance de outros/as contadores/as do entorno

familiar foi determinante para que estes sujeitos se tornassem contadores/as, pois “há, quase sempre, a lembrança de uma voz narradora – é aí que reside a raiz da fantasia e é dela toda a culpa por nos ter inoculado a necessidade da ficção. O eco que ainda vibra vem caudaloso e forte quando tocado de novo!” (SISTO, 2012, p.40).

Na narrativa do senhor Nivaldo Lima, somos advertidos sobre um aspecto bastante relevante: a memorização, para este contador um dos mais importantes fundamentos para se contar histórias é tê-las na memória, gravadas na mente. Paul Zumthor (1993) afirma que este jogo de relações entre a memória e a narrativa é profícuo, pois as imagens, que circulam pelo imaginário popular das comunidades de tradição oral, passam pelo carretel da memória do povo, que as conservam e repassam nos seus atos mais cotidianos. No caso do senhor Pombo a influência maior de ter se tornado um contador de histórias foi aos “romanços” (como ele se refere), o que nos chamou muito a atenção, uma vez que nenhum outro contador/a havia se referido a influências da leitura, bem como, ficamos curiosos para descobrir o que de fato eram esses “romanços”. Vejamos as declarações do contador sobre este aspecto:

cumade, é o seguinte eu já li muito romaço de iscola, romaço de história assim... era esses que eu gostava de conta aos meu fios... mais eu não tenho mais nada gravado[...]quano eu tenho é dois ou três pé de cada um assim... dois de um, treis de outro, dois de outro [...] mais só presta rimado, é porque ele é todo rimado ... começa um verso e tudo só finda em riba da rima... de muitos versos eu tenho... porque tinha o romance da prencesa da peda fina, prencesa do reino do mar sem fim, prencesa do mistéro dos sete palaco de metal...a muiê que acabava sete par de sapato numa noite , uma moça e o pai num sabia como era... o pai era reis e já tavafricanopobre ...

Diante da nossa inquietude por descobrir o que eram os “romanços”, perguntamos ao contador como eram esses livros e se ele ainda tinha algum. Ele imediatamente nos mostrou exemplares, os quais guarda como se fosse um

documento de grande relevância, logo descobrimos que os “romances” refere-se aos folhetos de cordéis, inclusive o contador consegue até hoje declamar alguns versos de cordéis que leu na infância; dentre eles um bastante conhecido do personagem João Grilo, escrito por João Ferreira de Lima<sup>23</sup>, em 1932, um folheto de oito páginas, intitulado de “Palhaçadas de João Grilo”. Cordel este que reapareceu e tornou-se conhecido no Brasil inteiro através de uma releitura na Obra de Ariano Suassuna, “O Auto da Compadecida”.

Assim, a arte de contar histórias para os narradores da cidade de Tapiramutá não é uma ação simplista, é uma atividade carregada de significados, é um ritual onde se vivifica vozes outras do passado, que de forma direta ou indireta ecoaram na memória destes sujeitos e que poderão ganhar as vozes e memórias de outros tantos sujeitos que forem tocados e encantados por esta arte.

Nesta teia de conexões entre o narrar e o ouvir histórias somos levados a perceber que a contação de história enquanto artefato cultural se concretiza a partir da relação dos sujeitos no meio social, logo para que os/as contadores/as consigam ecoarem as suas vozes é evidente a necessidade do público, dos ouvintes, da escuta do outro, ou como afirma Matos (2013, p.7): “Na narrativa oral, o que se quer é uma interação imediata do ouvinte”. Cabe pensarmos, sobre a teoria da ação comunicativa de Habermas (1996), para que possamos compreender que os contadores populares, enquanto produtores da oralidade que se direciona à construção da compreensão (*Verständigung*), deve se remeter, no âmbito dos atores de fala (os atores comunicativos), a quatro pretensões de validade: a) se enunciar de forma inteligível;

---

<sup>23</sup>Informações baseadas na biografia de João Ferreira de Lima. Este autor escreveu o célebre almanaque popular nordestino, o *Almanaque de Pernambuco*, lançado em 1936, e que entre 1936 e 1972 alcançou uma tiragem de mais de 70.000 exemplares. Entre os temas abordados está o da malandragem e presepada, cuja obra mais conhecida é *As palhaçadas de João Grilo*, folheto de 8 páginas, em sextilhas que, em 1948, foi ampliada por João Martins de Ataíde para 32 páginas, em sextilhas, sob o título de *Proezas de João Grilo*. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoFerreira/joaoFerreiradeLima\\_biografia.html#](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoFerreira/joaoFerreiradeLima_biografia.html#). Acesso em 10 dez. 2015

b) compartilhar com o ouvinte algo que ela possa compreender; c) fazer-se a si próprio compreender e d) atingir o objetivo de compreensão junto a *outrem*.

Na análise que aqui desenvolvemos, a última pretensão de validade da teoria habermasiana, se coloca com maior importância interpretativa, pois nos remete ao contexto, à invocação da alteridade, através da qual os indivíduos se subjetivam e a partir de onde perfazem sua inter-relação comunicativa. E nessa última pretensão de validade que encontramos a unidade constitutiva das narrativas populares: relação viva de emissão e recepção constantemente vinculada ao contexto e às memórias geracionais. É essa complexidade interacional que perfaz as narrativas populares através dos contadores de história enquanto um processo de incontáveis variantes e possibilidades. Por isso, afirmamos que esta prática simbólica está inextricavelmente ligada à cultura e à história. Dessa forma, como já apontavam as investigações filosóficas de Wittgenstein (1999), as narrativas populares nos colocam uma compreensão mais ampla sobre comunicação e a linguagem. Agora, diante da força dos contadores tradicionais, compreendemos com mais clareza que linguagem é diversa porque é fruto de diversos usos e jogos que se efetivam na prática dos indivíduos subjetivados, Wittgenstein (1999):

Quantas espécies de frases existem? Afirmação, pergunta e comando, talvez? - Há inúmeras de tais espécies: inúmeras espécies diferentes de empregos daquilo que chamamos de “signo”, “palavras”, “frases”. E essa pluralidade não é nada fixo, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos. [...] O termo “*jogo de linguagem*” deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida (WITTGENSTEIN, 1999, P.35).

Assim, precisamos entender as relações de sentido dos narradores tradicionais: como uma forma de vida; como fenômenos estabelecidos na linguagem pelos usos que os diferentes sujeitos e grupos lhes dão. Em outras palavras, devemos entender essa espécie de pragmática para entender a fluidez do agir comunicativo. Dizemos como um sentido prático que, como vimos, é múltiplo por causa das muitas relações

que as “formas de vida” dos sujeitos e grupos estabelecem. Não podemos fugir dessa complexidade, uma vez que as narrativas orais, como atos comunicativos, estão sempre em movimento, se constituindo nas mudanças do nosso dia-a-dia, com (re)leituras atemporais.

Sob a brecha da quarta pretensão de validade para o estabelecimento do fim de compreensão comunicativa em Habermas (1983, 1996), e seguindo as constatações da filosofia da linguagem de Wittgenstein (1968, 1999), podemos afirmar que as narrativas orais, como qualquer outro fenômeno comunicativo, se coloca como um estabelecimento linguístico de sentidos. Precisamos buscar em nossas análises esses sentidos, que não são estáticos, mas estão em movimento num confronto a alteridade do mundo.

### **2.1. Para quem e onde contam suas histórias?**

Diante da imbricada relação do Eu/Narrador com o Outro/Ouvinte, buscamos conhecer para quem e onde os/as contadores/as costumam contar suas histórias, sendo assim, as respostas foram várias: no meio familiar, em grupos de amigos, em encontros e celebrações, tais como, os velórios, em atividades de lazer: pescaria, caçada, casas de farinha, nas portas de casa para as crianças da vizinhança, e na feira livre quando se reencontra muitos conhecidos e para os alunos. Como percebemos nos trechos a seguir:

“Gosto de contar em momentos de descontração, sem preocupação ai eu começo a contar “estórias”... para ter mais alegria de ver o tempo passar.”(Senhor Claudionor Joaquim, 78 anos)

“Tem às vezes é quando tá com criançada. Na nu meu tempo de criança eu gostava de contar era: juntava um bocado de minino, história um para os outros e as vezes também as a sentinela. São noite de São João, noite de umas coisas assim que ficava cunversano até mais tarde na bera de uma fogueirinha, assim com as amizades, os amigos. Antigamente num tempo, num tinha televisão, era umas historinha que agradava a gente”.(Senhor João Nunes, 69 anos)

“Reuniões de família, eu conto pros meus filhos, meus sobrinhos, mas é... o momento que eu mais gosto de contar essas histórias é na sala de aula para meus alunos ... (Senhora Sônia Ferreira Rocha, 45 anos)

Quando tem a turma contando piada ou história contando mentira, a gente sempre lembra de umas mais engraçadas e acaba falando”. (Geraldo Martins, 68 anos)

Estes lugares e ocasiões apontadas pelos/as contadores/as como os mais comuns para as suas narrativas nos remetem para o aconchego da vida no contexto das pequenas cidades do interior, onde os laços de amizade e a tranquilidade possibilitam vislumbramos antigos cenários onde as contações de histórias eram comuns. Reside aí o encantamento místico entre adultos e crianças – aprendizados e formação de valores; histórias de origem popular – esquema básico da VIDA HUMANA – infância à maturidade. Como afirma Meireles (1979, p. 41): “Contar histórias nos faz reviver o tempo no qual as multidões se reuniam para ouvir histórias ao redor dos narradores da antiguidade, trocando experiências de forma coletiva”.

### **3. (IN) CONCLUSÕES: ARREMATANDOS ALGUNS FIOS DAS NARRATIVAS**

Através da escuta sensível das narrativas dos/as contadores/as percebemos como cada contadora e contador têm características particulares para contar suas histórias: os gestos, os silêncios, as expressões fisionômicas, o tom de voz, retomadas da história, comentários no final, temáticas preferidas, os olhares, são traços que os diferenciam. Segundo Sisto (2012, p.41): “[...] cada contador conta diferente do outro – a mesma história – exatamente porque o texto literário é essa ação de forças entre o dito e o não-dito, que oferece, em suas brechas, maneiras “infinitas” de leituras. ”

Dialoga nesta perspectiva as concepções de Ong (1998) quando nos afirma que a enunciação oral é dirigida por um indivíduo real, vivo, a outro indivíduo também vivo e real, ou indivíduos reais, vivos, em cenários e tempos diferenciados

que inclui mais do que meras palavras, inclui gestos, silêncios, olhares, corpos performáticos. As palavras faladas sofrem modificações de uma situação que transcende ao verbal. Elas nunca ocorrem sozinhas em um contexto simplesmente de palavras.

Logo, as diferenças no modo de narrar é uma característica do contador popular, e tais diferenças se fazem notar entre os 17 (dezesete) contadores, como por exemplo no do Senhor Jorge Alvim uma marca da sua performance estava nas expressões do corpo. Ao longo das suas narrativas havia sempre a necessidade de simular as ações dos personagens, por isso não ficava sentado o tempo inteiro, sempre estava movendo-se, como se colocasse a encenar, a dar movimento aos personagens do enredo, era como estar diante de um contador num palco de teatro, o corpo como um texto a ser lido.

Podemos citar ainda os risos do Senhor Pombo ao longo das passagens das rimas e estrofes dos versos de suas histórias. Ao aconchego dos toques de Dona Adalgiza, que sempre ao contar suas histórias estava a procurar por nossa mão, segurando-nos nos momentos de maior tensão e a fitar-nos nos olhos como a querer decifrar o que aquelas histórias proferidas pelo balanço da sua voz estavam provocando em nossa alma.

Os olhos marejados de emoção do Senhor Cristóvão diante de nós, atentos a lhe ouvir, especialmente ao encerrar as histórias, quando ele nos trazia os seus comentários, iluminados pela sua maneira de ver o mundo, pela sua beleza em querer nos ensinar sobre a vida. Os hábitos de Senhor Antônio embalado pelo vai e vem da rede no meio da sala, cheio de adivinhações e artimanhas. As inúmeras histórias sobre temas e personagens religiosos, tais como: Nosso Senhor, São Pedro, Santo Antônio, São Cipriano, Nossa Senhora e outros santos que era as preferidas do senhor Nivaldo Lima.

Assim, neste artigo nos propusemos a apresentar os contadores de história da cidade de Tapiramutá, numa perspectiva mais ampla desde seus aspectos subjetivos

que desembocam na identidade pessoal, até mesmo delinear os aspectos relacionados à identidade cultural que lhes atravessam enquanto elo de similitudes.

Buscamos ainda, apontar como os/as contadores/as tradicionais sofrem múltiplas influências em seu processo de subjetivação e isso cria uma relação única entre a produção e recepção das mensagens e é através desta metamorfose comunicativa que se coloca sempre de maneira vívida dentro do processo de subjetivação comunicacional, sendo que essa metamorfose se dá pelo contato intersubjetivo, pela força transformadora da alteridade seja do/a pesquisador/a, seja da plateia, seja do contexto ao redor.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.
- BARBIER, René. *Sobre o Imaginário*. Em Aberto. Brasília: v. 14, n. 61, p. 15-23, jan/mar, 1994.
- \_\_\_\_\_. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, P. 168-99.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 17 ed. São Paulo: Companhia das letras. 2012.
- BUTTIMER, Anna. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETI, Antônio. *Perspectiva da geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra. 1999.
- CIAMPA, A.C. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense. 1984.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2002.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. 27. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciências como “ideologia”*. Lisboa: Edições 70, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Editora DP&A. São Paulo, 2003.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

KASTRUP, V. *Quando a visão não é o sentido maior: algumas questões políticas envolvendo cegos e videntes*. In: LIMA, E. A.; FERREIRA NETO, J. L.; ARAGON, L. E. (Org.). *Subjetividade contemporânea: desafios teóricos e metodológicos*. Curitiba: CRV, 2010. p. 95-114.

LEAL, José Carlos. *A natureza do conto popular*. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

LIMA, E. A.; FERREIRA NETO, J. L.; ARAGON, L. E. (Org.). *Subjetividade contemporânea: desafios teóricos e metodológicos*. Curitiba: CRV, 2010. p. 95-114.

MATOS, G. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1979.

MORIN, Edgar. *Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental*. Natal, EDUFERN, 1999.

ONG, W. J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.

ROLO, Márcio; RAMOS, Marise. Conhecimento. p. 149-156. In: CALDART, Roseli Salete (Org.) *Dicionário da Educação do Campo. Expressão Popular*. Rio de Janeiro. São Paulo. 2012.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Belo Horizonte. Editora: Aletria, 2012.

SIMONSEN, Michele. *O conto popular*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

THOMPSON, A. A maneira certa de fazer história oral? In: FERREIRA, M. et al. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 48-56.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores: Wittgenstein).

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. A “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em 20/01/2017.

Aceito em 24/08/2017.